



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ROQUE ARAÚJO: UM CASO DE EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA DE UM DOUTOR HONORIS CAUSA

Veruska Anacirema Santos da Silva*
(UESB)

RESUMO

O propósito dessa comunicação é discutir o cinema como um lugar de aprendizado social que gera efeitos significativos nas trajetórias de indivíduos entretidos em redes culturais em que os consumos de filmes se dispõem de forma relevante. A partir dessa hipótese geral, busco articular tal noção com o estudo de caso do eletricitista baiano, Roque Araújo, que se tornou Doutor Honoris Causa em função da sua experiência nas coisas de cinema. Para tanto, busco apoio nas teorizações a respeito das dinâmicas sociais de aprendizados do sociólogo Norbert Elias. Tentarei mergulhar, assim, na educação cinematográfica obtida por Roque Araújo para verificar empiricamente em que medida o cinema se constitui como uma ambiência com potencial normativo, capaz de afetar comportamentos e gostos.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Educação cinematográfica; Aprendizado social.

INTRODUÇÃO

Rodeado por câmeras antigas, moviolas, filmes e outros objetos de cinema, dispostos nas dependências da Diretoria de Audiovisual, em Salvador, Roque Araújo é, para falar como Williams (1969), uma experiência pessoal transformada em marco.

*Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (UnB) e do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural (UESB). E-mail: veruska.anacirema@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A trajetória desse ator, técnico e diretor de cinema, é uma espécie de índice de um tempo histórico, caracterizado por uma singularidade cultural, em cujo fundo se destacam ações ligadas à sétima arte, que encontram lugar na história do cinema baiano. Roque Araújo nos faz pensar em como a vivência na ambiência cinematográfica dos anos 1950, em Salvador, pôde assumir ênfase substantiva nos percursos de vida de vários indivíduos. Essa comunicação quer, então, refletir sobre a importância do cinema como um lugar de aprendizados que favorece dada formação cultural e profissional. A proposta é pensar no cinema e suas dinâmicas sociais como uma modalidade específica de formação cultural em funcionamento na sociedade. A aposta aqui é que tal performance educativa se dá por meio de processos ocorridos nos próprios ambientes de produção e consumo dos filmes, nos quais os agentes sociais incorporam saberes e fazeres que passam a orientar seus trânsitos no mundo.

Pensar no cinema como uma modalidade de formação cultural, com forte sentido pedagógico, é algo tributário dos estudos, em diversos campos do saber, que vêem a sétima arte como uma forma de aprendizado sensível, forjada nas possibilidades de produção e consumo culturais tecidas na modernidade e no intrincado jogo social que envolve desde os produtores de filmes até os espectadores (DUARTE, 2002; REIS JUNIOR, 2008). Nesses termos, mais do que uma mediação pedagógica, o cinema pode ser tomado como um espaço de elaboração e experimentação de cultura e de educação, dimensões compreendidas aqui como processos de formação e expressão de saberes e fazeres.

Para os fins dessa comunicação, a relação entre cinema e educação será pensada a partir da contribuição do sociólogo Norbert Elias (1993) no que se refere às dinâmicas sociais de aprendizado. Tal noção nos remete à idéia de que os processos históricos estão imbricados nos processos de socialização ou aprendizagem, ou seja, os fenômenos da vida social podem ser compreendidos por



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

meio das dinâmicas de transmissão de aprendizados de uma geração para outra e seus modos de orientação. Em se tratando da relação aqui proposta, traduzida no par cinema e educação, essa teorização importa na medida em que nos ajuda a refletir sobre os modos como os saberes elaborados e incorporados, na experiência do cinema, são constituídos nos movimentos que aliam práticas, sentimentos, afetos, criando a ambiência para as trocas que realizamos e que nos ensinam mesmo quando não nos damos conta de que estamos aprendendo.

É algo assim que pareceu estar em funcionamento nos anos 1950, no que se refere às dinâmicas do cinema em Salvador, marcadas que estavam por um tripé montado sobre exibição, produção e formação cultural e, por isso, apontando para uma constituição distinta daquela existente até aquela época (GUSMÃO, 2007). Essa específica ambiência deixou traços importantes na trajetória de uma geração³²¹ que, até os dias de hoje, conserva seu lugar nas coisas referentes à sétima arte no Estado. Nesse sentido, a experiência de Roque Araújo nos convida a refletir sobre a dimensão educativa do cinema e sobre a conexão entre educação e cultura como processos de significação social, para tomar uma expressão de García Canclini (2005) que, no caso aqui analisado, fazem com que indivíduos dediquem parte importante de suas vidas às relações com a sétima arte.

Realçar o percurso de vida de Roque Araújo nos leva a uma breve digressão ao tempo histórico em questão, opção situada no escopo de compreensão de que a vida intelectual e social do meio “funciona concretamente na história de um indivíduo, moldando assim um destino pessoal” (ARENDDT, 1994, 13). Não se trata de apresentar a biografia do cineasta, mas narrar alguns aspectos de sua trajetória que porta efeitos da educação cinematográfica que obteve durante os anos 1950, na cidade de Salvador, proporcionada por uma ambiência que aliava espaços de exibição - entre os

³²¹Por geração, concorre aqui a visão de Mannheim (2004), que pode ser sintetizada como o grupo etário que compartilha um dado conjunto de experiências inerentes a uma mesma plataforma de sentido.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

quais se destacava o Clube de Cinema da Bahia – e esforços para a realização de filmes que viriam a compor a história do cinema baiano. Essa rede ainda estava perpassada pelos movimentos de inovação vivenciados na capital baiana de então. Passemos, então, ao cenário dessa história.

Salvador, Bahia, anos 1950

Os anos 1950 são reconhecidos como uma época marcada por processos, nos âmbitos da economia, da política, da educação e da cultura, perpassados por um ideário desenvolvimentista. Em nível nacional, esse foi o período em que ocorreu a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e o surgimento de um incipiente mercado de produção e consumo cultural no Brasil, ancoradas, em grande parte, na política do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976). Já a Bahia vivia uma conjuntura que, se de um lado, estava atravessada por ecos das mudanças no cenário nacional, por outro adquire um contorno específico, cujos elementos estão ligados aos desenvolvimentos econômicos, sociais e auto-imagens decorrentes do percurso singular de Salvador, primeiro como capital do país, e a partir de 1763, como ex-capital. Ao permanecer, fundamentalmente, agro-mercantil (ARAGÃO, 1999), o Estado chegou à metade do século XX sob o signo da estagnação.

Até a década de 1950, a Cidade da Bahia e o seu Recôncavo permanecem compondo um espaço coeso, essencialmente tradicional. Ainda é a Bahia do saveiro, do terno branco, da vegetação exuberante, das ruas que se espreguiçam sob o sol. Tempos do chamado “enigma baiano” (RISÉRIO, 2004, p. 455).

A partir de meados da década de 1940, transformações relevantes, que começavam a gerar impactos na economia e na infraestrutura urbana, dão nova direção à dinâmica história da cidade. Tal percurso emprestará a Salvador uma



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

fisionomia especial, disposta na balança entre a tradição e o moderno, algo que tomará vulto nos anos 1950 e 1960, quando as elites do Estado, em uma aliança com as classes médias urbanas e grupos intelectuais, passarão buscar formas de inserir a Bahia no desenvolvimento que setores do país experimentavam, com o intuito de devolver-lhe o lugar de destaque que ocupou no passado (FARIAS, 2007). Em tal processo, memórias, saberes e performances culturais mobilizados pelos quadros de poder locais aliavam-se às iniciativas de modernização que pretendiam colocar a Bahia na rota do capitalismo industrial.

No âmbito da educação e da cultura, várias ações contribuíram para o delineamento de uma nova atmosfera em Salvador. Entre elas, está a criação da Universidade da Bahia, em 1946, que reuniu as tradicionais escolas de ensino superior, como Medicina e Direito, com os novos cursos na área de artes implantados pelo reitor Edgard Santos. O projeto artístico da universidade baiana será uma espécie de distinção com relação às outras instituições de ensino superior do país (ARAGÃO, 1999), movimentando a vida cultural de Salvador com seus espetáculos e provocações estéticas. Além disso, foram postas em marcha várias ações que pretendiam aumentar o padrão educacional dos baianos.

Anísio Teixeira, então secretário de Educação do governo do estado, e já projetado nacionalmente como um dos mais importantes educadores do país, lidera um extraordinário movimento de aprimoramento do ensino público. Idealiza o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, mais conhecido como Escola Parque, considerado um protótipo pedagógico. O Colégio Estadual da Bahia, o Central, é reconhecido em todo o Brasil como um dos melhores em termos de primeiro e segundo graus. Anísio estimula ainda iniciativas culturais como o Clube de Cinema e planeja a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, uma das pioneiras do país, precedida apenas por sua congênere paulista (ibid., p. 45-46).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Nessa rede tecida por medidas com ênfase na educação e na cultura, destacava-se o Clube de Cinema da Bahia (CCB), fundado em 27 de junho de 1950, pelo advogado e crítico de cinema Walter da Silveira e pelo juiz Carlos Coqueijo. Inspirado no modelo cineclubista francês, o Clube de Cinema tinha, entre seus objetivos, ações que demonstravam a preocupação dos seus fundadores em fazer daquele espaço um lugar de formação cultural.

O Clube de Cinema da Bahia propunha-se a ser uma associação de cultura cinematográfica, mantida por contribuições mensais do seu quadro de sócios, cujos objetivos principais eram: projetar filmes de valor artístico; organizar uma biblioteca especializada; construir uma filmoteca; promover cursos, debates e conferências; e, ainda, publicar um periódico (CARVALHO, 1999, p. 177).

Freqüentado por estudantes, professores, profissionais liberais, intelectuais e artistas, o Clube de Cinema atuou como um espaço de formação cultural de um público interessado em ver e discutir cinema; um lugar com caráter educativo no qual, além da fruição estética, estudava-se, lia-se, debatiam-se filmes. As informações, idéias e comportamentos que chegavam por meio dos filmes e debates influenciaram na educação dos sentidos e das emoções dos agentes sociais freqüentadores do cineclube. Entre eles, estavam pessoas como Glauber Rocha, Rex Schindler, Guido Araújo e Roque Araújo. Todos eles encontraram no clube um espaço importante de educação cinematográfica. Oriundos de cidades e experiências familiares diferenciadas, essas quatro personagens, hoje importantes nomes da história do cinema baiano, têm em comum o fato de terem adquirido aprendizados fundamentais para seus percursos no mundo da sétima arte nas sessões promovidas pelo espaço dirigido por Walter da Silveira.

Nesse sentido, embora o cinema tenha chegado a Salvador em 1897, as práticas relacionadas à sétima arte parecem ter assumido um lugar especial na vida



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

cultural da cidade a partir desse arranjo sociocultural, pondo em destaque não apenas as atividades de exibição, que já eram bastante comuns, mas de discussão e produção de filmes. Na interação desse conjunto de relações, entendo que o cinema dos anos 1950, em Salvador, assumiu um matiz diferenciado da experiência anterior da cidade. É no efeito produzido pela vivência da sétima arte e, especificamente, no cineclube, na concretude da vida de tantas pessoas, que propomos tomar a experiência de Roque Araújo como uma possibilidade de análise, percebendo no cinema uma modalidade de formação cultural, “que viabiliza processos de aprendizagem, engendrando e resignificando práticas sociais de geração em geração” (GUSMÃO, 2007, p. 54).

Roque Araújo: uma trajetória formada pelo cinema

Roque Araújo nasceu em Salvador, em 1937. Nas conversas que tece, não fala muito de sua infância, a não ser o fato de que seu interesse pelo cinema surgiu já nessa fase da vida, quando assistia aos *westerns* norte-americanos nas salas da periferia da capital baiana. Exceto esse detalhe, é como se Roque tivesse começado a existir no momento em que entrou na ambiência cinematográfica constituída nos anos 1950. Uma das experiências marcantes na sua formação cinematográfica foi o Clube de Cinema da Bahia, onde obteve aprendizados importantes para o exercício de atividades e para a estruturação de um gosto diferenciado pelo cinema. Para tal percepção, situada na trilha de Elias (1993), é importante pensar que as tramas de dependências mútuas entre os indivíduos constituem modos de regulação dos comportamentos e desempenhos cognitivos, que, conjuntamente, dão suporte às maneiras como as pessoas elaboram processos de experimentação e entendimento de suas posições individuais e coletivas.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O clube baiano, além de levar aos freqüentadores diversas cinematografias, também promovia discussões sobre as obras exibidas, difundindo conhecimento e influenciando nos modos de ver e entender o mundo. Roque, então, destaca a importância desse lugar em sua trajetória e revela que, ao assistir a um filme, não prestava atenção apenas no enredo da obra, mas também nas técnicas utilizadas para a realização da obra.

O Clube de Cinema foi o começo para todo mundo e era ali que a gente criava inspiração para ver filmes que estavam sendo feitos em outros países. Eu aprendi como fazer cinema assistindo filme. Eu ia ver um filme não era para ver a história em si, eu ia ver como aquela cena foi feita. Você aprende vendo outros trabalhos e aí você tenta fazer diferente.³²²

Nesse processo, ele, literalmente, estudava os filmes para aprender a arte de reproduzir imagens em movimento. Aliando as sessões do cineclube e experiências ligadas à realização de filmes, o cineasta pode ser considerado um aluno do período que, na fala da pesquisadora Maria do Socorro Carvalho Silva (1999), foi o tempo de aprender a ver e a fazer cinema na Bahia. Tais experiências favoreceram aprendizados que se tornaram um modo concreto de orientação para sua vida. A ênfase de formação existente nas práticas ligadas à sétima arte aqui proposta abre possibilidade para pensarmos no nexos da educação com a cultura e com a memória, ou seja, com as maneiras como determinadas práticas transformam-se em *habitus sociais*³²³.

322Entrevista realizada em 14 de outubro de 2008, na cidade de Salvador (BA), na sede da Dimas – Diretoria de Audiovisual da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

323A expressão *habitus social* é tomada aqui à maneira de Elias (1995), que a formula em termos de um elenco de disposições para o pensamento e a ação, forjadas nas estruturas sociais, nas intersecções entre indivíduos e grupos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Em 1957, Roque Araújo, aos 20 anos de idade, formado em Eletromecânica pelo Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (Senai), em Salvador, estava trabalhando nas obras de construção do Teatro Castro Alves. Nesse ano, o cineasta Roberto Pires solicitou do então governador da Bahia, Antonio Balbino, liberação para filmar algumas cenas no espaço, para o longa-metragem *Redenção*. A autorização foi dada com a condição de que a equipe de filmagem fosse acompanhada por um eletricitista que, na ocasião, era Roque. Esse fato foi determinante para que ele se tornasse um profissional do cinema. Em seguida, trabalhou em clássicos como *Barravento* (direção de Glauber Rocha, 1961) e *O Pagador de Promessas* (direção de Anselmo Duarte, 1962). Também trabalhou em *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha. Esses foram anos importantes para a formação de Roque Araújo, em que experimentava outra perspectiva de aprendizado, passando de um exercício 'teórico', alocado no ato de assistir filmes, para um mais 'prático', no qual ele aprendia sobre cinema na medida em que fazia cinema.

Em 1963, foi convidado por Glauber para acompanhá-lo ao Rio de Janeiro para a montagem de *Deus e o diabo...* Ficou por 30 anos fora de Salvador. Entre outras coisas, trabalhou no Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), projeto do governo brasileiro implantado em 1967 para a alfabetização de jovens e adultos. No Mobral, Roque Araújo dedicou-se à produção e direção de filmes educativos. Aqui, mais uma vez, podemos perceber o engate entre cinema e educação. Roque acredita no potencial do cinema para ensinar – ainda que não parta de um projeto definido – e é assim porque ele próprio traz em si marcas de uma educação cinematográfica. O cinema, na sua perspectiva, é uma escola fora da sala de aula, o que corrobora abordagens mais recentes sobre essa modalidade educativa que permite um entendimento mais afetivo do mundo e uma comunicação abrangente e inclusiva (COSTA, 2005).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

A oportunidade de profissionalização no meio cinematográfico e a amizade com o então iniciante cineasta Glauber Rocha, somados à formação do olhar adquirida no cineclube, foram os ingredientes para a constituição de uma educação pelo cinema que viria a conformar a fisionomia não apenas de Roque Araújo, mas de uma geração de agentes sociais. A importância do Clube de Cinema na educação cinematográfica de vários indivíduos aponta para as condições de possibilidade existentes no período histórico em questão que permitiram aos temas da cultura assumir a forma, ao mesmo tempo, de alavancas e produtos de desenvolvimentos sócio-históricos. As experiências sociais de Roque Araújo e seus companheiros de geração estão, desse modo, articuladas às dimensões cultural e simbólica que as conformam. No caminho teórico aberto por Elias (1993), uma experiência singular, aqui traduzida na vivência de um indivíduo, encontra sua face na macro conjuntura, ou seja, nas estruturas sociais.

Doutor Honoris Causa em coisas de cinema

Durante os 30 anos que morou fora de Salvador, Roque Araújo atuou na técnica, assistência e direção de filmes e programas para a televisão. Em 1993, retornou à Bahia e em 2009, aos 72 anos de idade, continua trabalhando, como subgerente, na Diretoria de Audiovisual da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. É guardião do material filmado de *A Idade da Terra* (1980), de Glauber Rocha. Com sobras desse material, ele realizou o documentário *No Tempo de Glauber* (1987). Como consequência da sua relação com o cinema, Roque viajou por várias partes do mundo.

Suas andanças contabilizam longas temporadas na Itália, onde trabalhou como ator e foi cinegrafista da emissora de TV RAI, além de



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ter findado moradia por algum tempo na França e na Suíça. Ainda na Itália, trabalhou com cineastas como Giani Amico e topou com as musas da Cinecittà, inclusive Claudia Cardinale, com quem rodou um documentário (SOMBRA, 2009, p. 38).

Para Roque Araújo, a maior prova da importância da educação cinematográfica que obteve na sua trajetória de vida são os três títulos Doutor Honoris Causa, que recebeu pela Universidade Corporativa das Américas³²⁴. “Se não tivesse cinema, eu não teria recebido três Doutor Honoris Causa”. Embora nunca tenha cursado uma faculdade, ele obteve tais reconhecimentos acadêmicos em função dos saberes incorporados durante as práticas de cinema vivenciadas no cotidiano da vida. Os aprendizados adquiridos nessas dinâmicas tornaram-se modos de orientação, legando efeitos em seus afetos, idéias e comportamentos. Acompanhar Roque Araújo e outros importantes agentes sociais como Glauber Rocha, Rex Schindler e Guido Araújo, em suas mocidades, pelo Clube de Cinema e, depois, dando permanência a uma série de práticas nesse âmbito, já na idade madura, é compreender que eles se formaram numa experiência comum de aprendizagem e de compartilhamento de sentidos que teve no cinema sua modalidade fundamental de constituição e expressão.

CONCLUSÕES

A intenção dessa comunicação foi chamar a atenção para as possibilidades educativas existentes no âmbito do cinema. Afetados pelas diversas experiências possíveis no mundo da produção e do consumo de filmes, disposições são forjadas e os indivíduos passam a ostentar idéias, comportamentos e gostos formados nessas

³²⁴O título é uma concessão conjunta da Fundação Luiz Ademar-Flamir, por meio da Universidade Corporativa das Américas e da Fundação Ibero-americana.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

relações. Desse modo, podemos compreender como muitos agentes sociais têm no cinema aprendizados fundamentais que orientam suas vidas. Aprendizado que é, de partida, coletivo, realizado por meio de mecanismos de percepções e afetos, carregados de valores e formas de avaliação e classificação do mundo social.

O esforço realizado aqui foi no sentido de manejar dados da biografia de Roque Araújo para, a partir deles, perceber como trajetórias de vida podem assumir traços decisivos proporcionados por experiências culturais. Temos, então, que para Roque e seus companheiros de geração, o cinema atuou como um vetor de modulação de comportamentos, de gostos e de condições para a fruição de filmes e para a estruturação de trabalho intelectual e profissional ligado às práticas cinematográficas. Os saberes apreendidos e elaborados na vivência com o cinema, uma vez incorporados aos repertórios iniciais desse jovem, fizeram com que ele desenvolvesse instrumentos capazes de atribuir sentido ao mundo.

A singularidade desse caso aponta para o fato de que, os esquemas de percepção e elaboração de significados podem ser produzidos a partir das mais variadas fontes da existência social. Assim como outras modalidades de formação, o cinema ensina e orienta práticas. Os aprendizados daí advindos assumem disposições diferenciadas dando lugar a muitas maneiras de significação e ressignificação das experiências. Tal percurso reforça a idéia de que as rotas sociais “definem-se pelo aprendizado e pela assimilação, nem sempre conscientes ou voluntários, de todos esses esquemas de comportamento” (LEÃO, 2007, p. 22). As dinâmicas do cinema, entre elas, a atuação do cineclube, leva-nos a refletir sobre sua capacidade sócio-simbólica e sua repercussão na organização de trajetórias de vida.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Rahel Varnhagen: judia alemã na época do romantismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: Edufba, 1999.
- COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005.
- DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 2v.
- ELIAS, _____. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- FARIAS, Edson. *Tensões em um projeto civilizador baiano*. In: PEREIRA, Cláudio. SANSONE, Livio. (orgs.) *Projeto Unesco no Brasil: textos críticos*. Salvador: Edufba, 2007.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI*. 2007. 300p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- LEÃO, Andréa Borges. *Norbert Elias & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia da Cultura*. SP: Perspectiva, 2004.
- REIS JUNIOR, João Alves dos. *O livro das imagens luminosas: Jonathas Serrano e a gênese da cinematografia educativa no Brasil (1889-1937)*. Tese (Doutorado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- RISÉRIO, Antonio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.
- SIMIS, Anita. *Estado e Cinema no Brasil*. São Paulo: Annablume, 1999.
- SOMBRA, Rodrigo. *Roque Mutante*. Revista Muito, p.36-39, 22 de fevereiro de 2009.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade. 1780-1950*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.